

O jornalismo como texto da cultura: uma história complexa*

Ana Paula Machado Velho

Universidade Estadual de Maringá

Centro Universitário de Maringá

Índice

1. Resumo	1
2. Introdução	1
3. A história das representações	2
4. Complexidade ao alcance dos olhos e da mente	6
5. Semiótica da cultura e jornalismo	8
6. Referências bibliográficas	10

1. Resumo

A história da comunicação humana é a história da própria evolução do homem e da sociedade. As tecnologias da comunicação foram *criadas* para resolver questões de permanência do Homem sobre o planeta e se transformaram na ferramenta que vai dar

*Este texto é de autoria de Ana Paula Machado Velho, Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP; doutora pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP; professora do curso de Comunicação Social e Moda do Centro Universitário de Maringá (Cesumar); coordenadora de jornalismo da Rádio Universitária, do Cesumar; jornalista da Assessoria de Comunicação Social da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: anapaula.mac@gmail.com

suporte à engrenagem da cultura. E, ao longo deste processo evolutivo, o jornalismo vai conquistar um espaço de destaque e se estabelecer como um dos principais mediadores culturais da sociedade da comunicação digital. Todo o movimento rumo à complexidade é explicado, estruturado e descrito, aqui, por diferentes escolas que lidam com a semiótica, entre elas a Teoria Geral dos Sistemas (TGS), a Ecologia das Mídias e a Semiótica da Cultura.

2. Introdução

A história da comunicação humana é a história da própria evolução do homem e da sociedade. Morin (1975), Kamper (1999), Flusser (1965), Norval Baitello (1999), Marcondes Filho (2002) e outros pesquisadores e filósofos escreveram sobre este processo e nos contam que as formas de comunicação se complexificaram na mesma proporção da dinâmica da vida do Homem sobre a Terra. As tecnologias da comunicação foram *criadas* para resolver questões de permanência do Homem sobre o planeta e se transformaram na ferramenta que vai dar suporte à engrenagem da cultura, entidade que vai

ser o diferencial entre o Homem e as outras espécies de primatas e homínídeos. E, ao longo deste processo evolutivo, o Jornalismo vai conquistar um espaço de destaque e se estabelecer como um dos principais mediadores culturais da sociedade da comunicação digital (Santaella, 2005). Todo o movimento rumo à complexidade é explicado, estruturado e descrito, aqui, por diferentes escolas que lidam com a semiótica, entre elas a Teoria Geral dos Sistemas (TGS), a Ecologia das Mídias e a Semiótica da Cultura. Antes de reproduzir esta história, no entanto, é importante que se defina, aqui, o termo comunicação. Marcondes Filho (2002) lembra que o conceito de que a comunicação é um processo por meio do qual alguém manda uma mensagem para alguém é obra de tecnocratas, que estruturaram a Teoria da Informação. Explica que comunicação relaciona-se com o conceito de comum e tem a ver com a idéia de pertencer ao mesmo tempo a vários sujeitos ou comunhão que diz respeito à semelhança de sentimento, de idéias, de crenças entre duas ou mais pessoas que têm consciência desta semelhança. Para ele, então, comunicação designa a experiência imediata da consciência, do outro (2002, pág. 10). Charles Sanders Peirce (apud SANTAELLA, 2000) reforça esta proposição quando diz que apreendemos e colocamos nossas idéias no mundo por meio de processos semióticos. O conceito de semiose de Peirce é definido como o movimento de se dar forma a uma determinada idéia (objeto), que se concretiza em signo (representamen) e ganha nova forma, nova composição (interpretante) na mente de alguém. Para este lógico, esta é a força motriz, a dinâmica dos atos comunicativos, que ele enxerga em todos os seres vivos, permitin-

do que eles se reconheçam, interajam. Este é o conceito de comunicação que se quer registrar aqui. A interação de interlocutores, por meio da ação dos signos, das mensagens formatadas que ganham o mundo e, em seguida, ganham a consciência dos outros interlocutores.

3. A história das representações

É neste raciocínio que se começa a contar a história dos signos que vão compor o vasto repertório de formas de representação que o homem possui hoje. Segundo Morin (1975), Kamper (1999) e Flusser (1965), entre outros autores, a saga da complexificação das formas de comunicação dos indivíduos da nossa sociedade, começa há cerca de 4,5 milhões de anos, quando um cataclismo ecológico, chamado por Kamper (1999) de a primeira catástrofe, vai determinar uma mudança no ambiente em que os primatas primitivos viviam. O aquecimento da região central da África provoca a diminuição da floresta e vai fazer com que alguns indivíduos das diferentes espécies de primatas deixem as árvores e comecem a explorar a savana. Este pequeno gesto é descrito por Morin (1975), que lembra que ele vai gerar uma modificação profunda nos modos de agir dos primatas, transformando-os em homínídeos e, mais tarde, no Homem. Para o filósofo francês, ao chegar à savana, os indivíduos vão necessitar deixar alguns hábitos para trás e o primeiro deles é o de procurar comida e abrigo sozinhos. O ambiente descampado vai exigir que estes seres se unam para se defender de novos e mais ferozes predadores e busquem novos tipos de alimentos. Para Morin (1975, p. 55), a caça é uma das primeiras tecnologias do homem

que vão demandar formas de representação simbólicas eficientes. Ela vai deflagrar não só a organização de signos mais elaborados, mas também a modificação fisiológica destes indivíduos permitindo que, mais tarde, eles deixem de ser quadrúpedes e se tornem bípedes, abrindo o tórax e permitindo o desenvolvimento do sistema fonador e transformando o crânio para o crescimento de um cérebro mais funcional. Em resumo, esta seria a antropossociogênese, isto é: *Σ*uma morfogênese complexa e multidimensional, resultante de interferências genéticas, ecológicas, cerebrais e, mais tarde, culturais, que vão permitir o surgimento do *Homo sapiens*. Nesse processo, o homem se assenta, deixa de ser nômade e cria sistemas de códigos de comportamento, que vão demandar também a produção de novos signos e dar sustentação à cultura. É preciso registrar que cultura é o conjunto de informações não-genéticas que organiza a socialização dos homínídeos e que vai permitir que estes se afastem dos seres que se adaptam às condições da natureza, e se configurem como seres que transformam a natureza e criam representações abstratas como as leis, os costumes, as formas de comer, vestir, lidar com o semelhante etc. Para Morin (1975, p.59), cultura é o conjunto de informações estruturadas em regras (...) um sistema generativo de alta complexidade (...) reproduzido no indivíduo no seu período de aprendizagem, para poder se auto-perpetuar. Neste processo de culturalização, o homem passa a necessitar de formas de comunicação que permitam registrar estas formas de vida, passá-las para seus descendentes no sentido de fazer com que a espécie que se configura possa permanecer. As primeiras manifestações destes registros são os desenhos nas caver-

nas, que descrevem caçadas, vitórias, derrotas, os perigos do ambiente etc. Estes desenhos vão dar origem à escritura. Data de cinco milênios antes da era Cristã o início da história deste sistema de signos que se aprimora das figuras com um só sentido, para sistemas de ideogramas e chegam à escrita alfabética, que usamos até hoje. Esta prática muda a história do homem pelo fato de tornar-se fonte de poder em diversas fases da história da civilização ocidental, com ênfase na Idade Média, quando a luta pela dominação política e econômica está nas mãos da Igreja Católica. Esta se aproveita de anos de verdadeiro caos, com lutas sangrentas em tribos das mais diversas origens para tomar o poder pela força de Deus. Na verdade, com a ajuda dos líderes destes grupos, que querem dominar definitivamente um pedaço de terra, a Igreja começa seu longo período de censura às manifestações populares e instaura as leis do pecado. Flusser dá o seu parecer sobre este momento, no livro *A História do Diabo* (1965), dizendo que os clérigos concretizam a figura de Satanás como o responsável por todos os males da humanidade e pregam as regras de Deus que só eles podem ter acesso por meio da Bíblia. Flusser aponta a luta entre a Igreja Católica e o diabo como fator determinante na construção do perfil e do comportamento do homem civilizado. Ele destaca o fato de que a evolução do diabo e a evolução da vida são, pelo menos, paralelas. Sua argumentação é a de que a Igreja,

em sua propaganda anti-diabólica, recorre a nomenclaturas um tanto tendenciosas ao denominar os pecados. Chama-os de soberba, avareza, luxúria, inveja, gula, ira, e tristeza ou preguiça. No fundo são, no entanto, inícuos esses

termos arcaicos, e facilmente substituíveis por termos neutros e modernos. É o que proponho. Soberba é a consciência de si mesmo. Avareza é a economia. Luxúria é o instinto (ou afirmação da vida). Gula é a melhora do standard de vida. Inveja é a luta pela justiça social e a liberdade política. Ira é a recusa em aceitar as limitações impostas à vontade humana; portanto, é a dignidade. Tristeza ou preguiça é o estágio alcançado pela meditação calma da filosofia (Flusser, 1965, p.18-19).

A luta entre progresso (civilização) e comprometimento moral (diabo) molda a história ocidental. Mas, para a Igreja e o que ela representa enquanto programadora dos rumos da civilização, o diabo é inimigo número um da condução harmoniosa da humanidade às mais altas promessas de progresso, de domínio do mundo do saber. Mundo prometido, este, que também é o mundo do ter, do conquistar. Na visão de Flusser, todas as regras de conduta do homem ditadas por Deus estavam num livro, a Bíblia, e quem não tinha condições de interpretar as palavras de Deus vivia sob o jugo da Igreja Católica, que era a *predestinada* para ajudar na intermediação do caminho dos Céus. Por volta do século XV, o comércio a longa distância começa a se fortalecer entre a Europa e na Ásia e, aos poucos, surge uma nova classe, os burgueses, que começa um movimento de descentralização do poder da Igreja e dos nobres, investindo em tecnologias para a navegação, na Reforma Protestante e em um mundo ligado à Ciência. Este movimento vai fazer surgir uma nova perspectiva de vida para a civilização ocidental, que deixa Deus de lado e vai investir

os seus esforços na ciência. Flusser (1983) ilustra muito bem esta questão quando conta que Deus é morto em nome da atividade científica, toda registrada nos livros, mapas e outras expressões da escrita. A história da civilização, para o filósofo, se construiu sobre o conceito de céu religioso, mítico. Este que por muito tempo recebeu a atenção do Homem, cai em descrença e este fato vai determinar novos rumos para a humanidade. Deus despedaçasse a partir do desenvolvimento da astronomização do Cosmos. Com a desmistificação do céu, não há mais o Paraíso ou o Éden sobre as nossas cabeças, mas sim, o éter, preenchido por estrelas, planetas, leis, regras e textos científicos. Ao mesmo tempo, não há mais o Homem, imagem e semelhança de Deus. Nosso semelhante já não é mais o reflexo terreno de Deus, mas um ente concreto, que habita o plano terreno, assim como os astros *shabitam* o céu, plano celeste. Determina-se a explicação científica dos fenômenos, do cotidiano, do concreto, do racional e a visão do Homem pelo Homem muda, junto com seu modo de se inserir no mundo do concreto. O cenário, segundo Flusser (1983), é que o Homem mata Deus em nome da ciência; deixa de ser, para tornar-se saber; valoriza a experiência empírica, que não o permite mais sentir o mundo em que vive, mais conhecê-lo, explicá-lo; passa a ser regido não mais pela fé e pela busca do Paraíso na Eternidade, mas pelas mais incríveis promessas de progresso material, de bem estar do mundo concreto, civilizado. Com isso, não enxerga mais o outro como semelhante, como *shirmão*, mas como habitante de um planeta que se organiza tendo como referência a evolução científica e material. Do Homem do ser passa ao homem do ter. As necessidades básicas que eram

atendidas de acordo com o momento específico. Quando da fome, ia à caça; quando da sede, ia à água; quando do frio, buscava abrigo. Surgem as composições sociais que começam a demandar a criação de novas regras de organização, de padrões de comportamento, produção. Em nome do progresso, a sociedade promove as divisões de classes, de funções, de papéis, com vistas à produção de bens e de um novo modelo de vida. É importante dizer que, neste momento, a escritura vai começar a se popularizar no sentido de permitir que este modelo seja disseminado em toda a Europa e esse movimento se intensifica às vésperas da Revolução Industrial, quando a população das cidades começa a crescer e se estabelece o embrião da sociedade de consumo. Nesse momento, investe-se em novas estratégias de difusão para atingir mesmo aqueles que não eram capazes de assimilar as mensagens do mundo civilizado por meio da leitura. Surgem os aparelhos para levar as informações de modo mais efetivo, rápido e mais longe. São os meios de comunicação de massa, o cinema mudo e o rádio, que, mais tarde, se unirão no cinema falado e na televisão, garantindo mensagens que Flusser chama de pós-históricas, porque são construções simbólicas que apresentam as mensagens programadoras da civilização do bem-estar. Não são mais parte da vivência empírica do homem, mas sim de uma interpretação do mundo que precisa se estabelecer para dar continuidade à cultura ocidental; vêm empacotadas cada hora num novo suporte, com novas formas para disseminar todo tipo de informação. Hoje, vive-se a era comunicação digital que promove a virtualização dos conteúdos, oferecendo a possibilidade de o Homem construir signos a partir da atualização de uma enorme

quantidade de dados armazenados num novo ambiente, chamado de ciberespaço. Kamper (1999) chama este processo de evolução da comunicação e de seus suportes de Escalada da Abstração. Para o pesquisador alemão, no primeiro estágio histórico da comunicação humana, o homem se comunica por meio do seu corpo, em relações tridimensionais. Suas relações com o mundo se dão a partir de sua experiência, das coisas com as quais ele tem contato e para aqueles com que ele tem contato. Este é o estágio da pré-história. No segundo estágio, chamado de imagem tradicional, ele perde uma dimensão porque começa a criar cenários para exprimir-se. É a época dos desenhos nas cavernas, quando os mitos começam a surgir, a partir de representações de fenômenos e acontecimentos do cotidiano. Ele começa a desligar-se do momento da experiência no ato comunicativo e usa ferramentas para deixar registrada esta experiência em suportes também extra corpo. O terceiro estágio é o da escrita. Movido pelo materialismo, o homem lineariza seu pensamento para deixar escritos os acontecimentos que quer registrar e uniformiza suas formas de conhecimento, utilizando máquinas para contar histórias absolutamente desprendidas de suas experiências cotidianas. Este movimento promove a textolatria, explicada acima, que vai dar ao que está escrito a força da verdade, descrever o mundo linearmente. E, hoje, vivemos os reflexos do estágio da tecno-imagem, no qual mensagens empacotadas em ondas eletromagnéticas e em zeros e uns desmaterializam por completo o contato entre os interlocutores dos processos de comunicação, que se tornaram nulodimensionais, nos levando a vivenciar outros tipos de cenários, recheados de imagens

e sons pré-codificados no mundo da tecnologia. E é neste mundo que se encaixa o suporte que é tema deste artigo. Aqui discute-se como estes cenários se organizam para discutir a ciência, sobre que tipo de combinações de signos se constroem estes textos da cibercultura, da cultura que se comunica por meio de mensagens codificadas em zeros e uns; num mundo em que as próprias formas de comunicação são produto da ciência, como é o caso da linguagem informática usada na manipulação dos computadores. Que tipos de signos são utilizados para apresentar estes conteúdos ao mundo?

4. Complexidade ao alcance dos olhos e da mente

Os processos comunicativos são realidade em diferentes níveis de complexidade. A semiótica se apropriou de conceitos da Teoria do Conhecimento e da Teoria Geral dos Sistemas para entender que os diversos organismos vivos vão compor sistemas de signos (semióticos) mais ou menos complexos para interagir. Estes sistemas são definidos como qualquer conglomerado de elementos que se relacionam entre si para um determinado fim (Vieira, 1993, p. 6). Pensando sobre o aspecto da comunicação, os gestos, as palavras, os sites, as reportagens, os filmes e todas as expressões do homem são sistemas, porque se apresentam por meio da combinação de elementos das diferentes linguagens desenvolvidas pela cultura. Estes elementos em interação ganham sentido e vão se transformar em representações dos diversos interlocutores de diferentes grupos de indivíduos. Podemos encontrar, no entanto, representações complexas, que combinam de

forma elaborada, um número grande de elementos e linguagens, como as novelas, os sites e os jogos de computador, ou representações menos elaboradas, que se apropriam de signos menos complexos como uma placa de trânsito ou um gesto de OK. Em outras palavras, a Teoria Geral dos Sistemas ajuda-nos a entender, por outro ângulo, a evolução da Comunicação. A TGS começou a ser desenvolvida no século passado, a partir de estudos do biólogo Ludwig von Bertalanffy, que demonstrou que vários tipos de seres e processos *“agem”, “funcionam”, se comportam de uma mesma forma. Sistema é um “agregado de coisas que apresenta um conjunto de relações entre seus elementos, tal que os mesmos possam partilhar propriedades comuns”* (VIEIRA, 1993, p.29). O ser humano é um sistema, assim como um programa de televisão ou um site, na perspectiva desta teoria. Jorge Vieira (1993, p.11) lembra que *“a história da evolução é a de um progressivo crescimento da capacidade de conhecer, desde os seres primitivos, até os mais complexos, como nós”*. Assim, é a história da capacidade do nosso sistema psicobiológico de se adaptar ao ecossistema natural. E essa adaptação é resultado de processos de troca, de comunicação, de interação entre os dois sistemas. O Homem precisou dominar certos conceitos e informações para conseguir se manter vivo. Para isso, mapeou os dados do ambiente e se adaptou a eles. Isto é; o Homem é um sistema vivo, resultado (como vimos acima com Morin) de uma interação com o ambiente natural. Para lidar com a natureza, interagir com ela utilizou suas características psicobiológicas para trocar informações com o meio. É preciso destacar que, quanto mais complexo são os sistemas em interação,

quanto maior o número de elementos estão participando deste processo, mais sofisticadas são as opções de troca e, também, as relações que se criam entre eles. Quanto mais complexa se tornou a sociedade, mais complexas foram as demandas de formas de interagir entre seus indivíduos e entre eles e a natureza. Para dar conta deste processo, foram criadas novas tecnologias de comunicação, desenvolvidos novos suportes, que vão dar conta de perpetuar a cultura. Na linha do tempo, surgem os desenhos nas pedras, a escritura, a escrita alfabética, os livros, o cinema, o rádio, a televisão e o computador. Junto com cada meio, novos signos vão sendo colocados no mundo e vão se adequar às características destes meios, tornando-os intersemióticos, unindo diferentes códigos: o gestual, o verbal, o sonoro, visual estático e em movimento. Estes se tornam sistemas de signos, cada vez mais elaborados, mais complexos. Podemos ver que o mesmo movimento que move o Homem, enquanto sistema vivo, a se adaptar ao ambiente natural, move os sistemas de signos produzidos pelo Homem a se adaptarem às necessidades da cultura e se tornarem complexos, mais elaborados, e darem conta de uma organização social cada vez mais sofisticada. Esta dinâmica dos diferentes sistemas é o objeto da TGS, que hoje se aplica à cultura, à biologia e à comunicação. Com a ajuda de Baitello Jr. (1999) podemos comparar estes movimentos com processos biológicos. Ele lembra que Jakobson, no livro *Biologia como ciência da Comunicação*, já fazia esta relação, que foi aprimorada pelo tcheco Ivan Bystrina. Este último defende que os textos culturais vão além da organização social, estão vinculados à natureza orgânica dos seres. Os insetos, por exemplo, se comunicam por meio

de feromônios¹. Um homem pode se emocionar as lágrimas com uma peça de teatro. Isto quer dizer que o ambiente, o entorno demanda reações que vão estar conectadas com a natureza de cada organismo. Os organismos se manifestam, então, de acordo com o ambiente em que vivem, acompanhando suas modificações. E este mesmo movimento acontece com os sistemas culturais, com as formas de expressão, que são chamadas de linguagens. As linguagens midiáticas, que são foco deste trabalho, também estão enquadradas nesta dinâmica e já existe, dentro dos estudos das linguagens da cultura, uma vertente que se chama Ecologia das Mídias, que vai mais fundo na discussão de organização de sistemas de expressão cultural. Para Ugo Vom (1999, p.133), por exemplo, os processos de representação possuem uma dinâmica da organização semelhante à de um gene. A partir de direcionamentos registrados na memória (experiência), o gene se conecta às informações do ambiente para compor-se com ele e seus elementos e se reproduzir, sobreviver. Desta mesma forma, um meio de comunicação tende a criar relações entre a tecnologia que o sustenta e os códigos com os quais trabalha (elementos do ambiente), no sentido de dar eficiência às suas mensagens, aos seus produtos. Outra proposta de pensamento ecológico, que deu origem à Teoria das Affordances é de James J. Gibson. Nela, o pesquisador descreve a idéia de que o meio oferece aos indivíduos que o habitam elementos para a sua sobrevivência. Estes elementos do meio carregam possibilidades, características que estão disponíveis de serem despertadas pelo indivíduo para os mais diferentes fins. Essas possibilidades, disponibilidades são as chamadas affordances (GIBSON, 1986,

p.127). Aplicando a teoria das affordances à mídia, pode-se dizer que ela, como qualquer outro sistema dinâmico, tende a dispor os seus conteúdos a partir dos elementos (códigos) disponíveis em seus ambientes tecnológico e cultural, buscando sempre as possibilidades (affordances) de significação, de conexão e relação entre os seus elementos para a construção de mensagens (signos). Esse movimento ecológico é um movimento de mediação, de formação de sentido, de criação de linguagem. E, na Web (BRAGA, 2005, p.128) Os signos estão à espera de uma vivência e uma nova organização, construídas por um navegador que descobre e, ao descobrir, constrói o sentido. Esta metáfora do navegador nos remete a pensar no ambiente em que os signos informáticos (TRIVINHO, 1988) da WWW estão disponíveis e que é preciso entender a relação destas representações com a tecnologia que lhe dá suporte e com a cultura.

5. Semiótica da cultura e jornalismo

Estes conceitos podem ser relacionados, ainda, a uma das escolas da semiótica, chamada de Semiótica da Cultura Russa. Este grupo de semioticistas propõe que as formas de escrever, as diferentes regras de organização das informações como desdobramentos do sistema de linguagens que o homem constrói para representar seu cotidiano. São os chamados sistemas modelizantes: estruturas de linguagem, elaboradas pela cultura, para organizar determinado discurso, determinado tipo de informação, contribuindo para o entendimento e expressão de certos conceitos e fatos (VEL-

HO, 2001). Para Iuri Lotman (1982), um dos expoentes da Semiótica Russa, a cultura se organiza em sistemas semióticos (de signos), ordenados por códigos disponíveis nos espaços de enunciação dos diferentes grupos. Para explicar os conteúdos específicos do conhecimento humano, as diferentes categorias de pesquisadores, profissionais, meios de comunicação etc. constroem formas particulares de elaboração de mensagens. Essas formas e todo o universo lexical definido por cada uma destas categorias têm regras específicas de organização, que vão se transformar na gramática (conjunto de elementos e normas de combinação deles) específica de um segmento. E este resultado, esta forma específica de organizar o discurso são as modelizações. A linguagem audiovisual, por exemplo, se modeliza nas linguagens do cinema e da televisão. Mas cada uma dessas linguagens tem formas de expressão específicas, continua o processo de modelização. No cinema, existem os documentários e os filmes de ação. Cada um deles tem características específicas de utilização dos recursos audiovisuais. Mudam as formas de se trabalhar com planos, com o corte, com a luz etc. Na televisão essas modelizações são ainda mais numerosas. Segundo Lotman, a cultura é a instância elementar da representação. É importante destacar que o pesquisador define que todos os produtos nascidos das práticas das linguagens são textos. Ele propõe uma ampliação do conceito de texto, na qual estão inseridas todas as linguagens codificadas pela comunicação social ou também outras emergentes (BAITELLO JR., 1999, p.42). Estas representações são textos da cultura. Assim como a linguagem verbal, outros sistemas procuram se organizar através da combinação de

outras codificações que surgem de procedimentos desenvolvidos ao longo da história da civilização, da cultura. Esse é o caso do jornalismo. As mudanças que a tecnologia operou na comunicação deram à imprensa — jornal, revista, livro — uma função da maior importância nas relações sociais. A sociedade moderna encontrou no jornalismo a sua adequada linguagem. Ele está integrado de modo definitivo ao plano social (BAHIA, 1974). As fontes responsáveis pelos processos informativos como o jornal, o rádio, a propaganda, a televisão, o cinema, a música, o teatro, passaram a ser, na sociedade industrial, fontes de fabricação cultural. O jornalismo, hoje, como uma destas fontes de produção cultural, está inserido no contexto social como uma forma de expressão que tem o objetivo de informar a sociedade sobre os acontecimentos do cotidiano do mundo moderno. Essa função dada ao jornalismo, no entanto, é fruto de um movimento da cultura, da sua expressão, do poder da Igreja e dos nobres, investindo em tecnologias para a navegação, a B das mais diversas origens para tomar o pod Assim, pode-se aqui arrematar que

Para a teoria semiótica da cultura de origem russa, em especial para Iuri Lotman, a cultura pode assumir a forma de sistemas semióticos hierarquizados, ordenados em um conjunto de códigos ou ainda assumir a forma de uma simbiose de sistemas autônomos. A desordem, ou ainda, a não-cultura, surge quando os códigos estão dispostos a partir de uma ordem estranha àquela hierarquizada, considerada cultura. A urdidura ordem/desordem se trama em limites que se constroem e se apagam, em uma

coreografia ininterrupta. A mídia, por sua vez, reproduz este mesmo movimento (NUNES, 1988).

Vê-se, então, que o jornalismo pode ser descrito como uma das modelizações de linguagem da civilização ocidental, como propõem os semioticistas russos. Num movimento ecológico, ao longo do tempo, a atividade foi se desenhando em diversos formatos com o objetivo de difundir informações de cunho sóciopolítico, econômico e cultural. Esses desenhos acompanharam a tecnologia disponível para a veiculação de notícias e, de certa forma, a complexificação da sociedade — forçava o desenvolvimento de novos meios, novos suportes para a informação, num processo também de complexificação das linguagens; isto é, das formas de apresentação, de organização dos signos nos diferentes suportes oportunizados pelas novas tecnologias. Neste universo de meios estão as cavernas pré-históricas; as paredes dos templos da Antigüidade; as Actas de pedra de Roma; os papiros do Egito; o papel de arroz dos chineses, que conforma, mais tarde, os papéis de celulose industrializados, que vão dar origem aos livros e jornais. Em seguida há os meios eletrônicos analógicos que cunham registros em filmes e desaparecem no ar para ganhar registro nos nossos ouvidos, por meio do rádio, e nas telas das televisões; e, agora, os meios digitais, que desmaterializam dados em zeros e uns. Em todos estes suportes a notícia se acomoda em organizações sígnicas diferentes, num processo que torna a atividade jornalística e, mais importante, a linguagem e o discurso jornalísticos, cada vez mais envolvidos com as tramas da cultura, que já não fala e escreve com o texto verbal, mas por meio de

imagens, sons altamente organizados, inter-semióticos. Santaella (2005) descreve este quadro dizendo que as diferentes eras da comunicação vão se sobrepondo e se misturando na constituição de uma malha cultural cada vez mais complexa e densa. E ela define estas eras em períodos da comunicação oral, impressa, de massa, midiática e digital. A era da comunicação oral refere-se às formações culturais que têm na fala seu processo comunicativo fundamental. A era da escrita engloba o período de prevalência da escrita pictográfica, ideográfica, hieroglífica e também fonética. A era da comunicação impressa, também chamada da era de Gutenberg, proporcionou a reprodutibilidade da escrita em cópias geradas de uma mesma matriz (2005, p.9). A comunicação massiva se refere ao período de hibridização das formas de comunicação. Para Santaella, este é o momento das máquinas de signos que propõem produtos inter-semióticos. É a era das máquinas habilitadas para produzir e reproduzir linguagens e que funcionam, por isso mesmo, como meios de comunicação (2005, p.11). Em seguida, vem a era da comunicação midiática, quando os indivíduos se apropriam dos dispositivos tecnológicos de comunicação, e passam a não só consumir, mas produzir produtos midiáticos. Este processo se potencializa, agora, na era da cultura digital ou cibercultura, quando a comunicação se dá em equipamentos que operam por meio da convergência de mídias (2005, p.13). É a tradução da tecnocultura, definida por Muniz Sodré, um processo em que as trocas simbólicas que viabilizam a comunicação de qualquer natureza são mediadas por signos estritamente vinculados à evolução tecnológica.

As práticas comunicativas realizam (...) um trabalho cultural, que se pode chamar de tecnocultura, cultura da comunicação ou cultura mediatizada. A mídia e o ciberespaço constituem (...) pretexto prático para a discussão teórica, tanto na esfera acadêmica como na pública, da intervenção tecnocrática na cultura (...), (um) processo comunicacional como interação do sujeito com o meio-ambiente técnico e natural (SODRÉ, 1996, p.25-33-35).

Muniz Sodré propõe que os novos modelos de mediação estão possibilitando novos "jogos de linguagem". É bom lembrar que o pesquisador da comunicação define linguagem como "a promoção da dinâmica mediadora entre homens". E acrescenta que a linguagem natural é apenas um dos dispositivos possíveis da manifestação social e formal da ação comunicativa (SODRÉ, 1996, p.11). Esta é, então, uma versão da história da evolução da comunicação, que vem enquadrar os processos comunicativos como ferramentas de construção e perpetuação da cultura, o bem que determina a natureza social do Homem. Nela, aponta-se o jornalismo como um desdobramento criado no seio da própria sociedade, que durante séculos de desenvolvimento, chega a um nível de mediador quase soberano entre os indivíduos da cultura contemporânea, sendo apresentado às pessoas nos mais diferentes suportes, linguagens e mais: nos mais diversos desdobramentos: o jornalismo econômico, político, comunitário, cultural, esportivo e científico, entre tantos outros. E todo o movimento rumo à complexidade é explicado, estruturado e descrito por diferentes escolas que lidam com a semiótica, entre elas a TGS, a

Ecologia das Mídias e a Semiótica da Cultura.

6. Referências bibliográficas

BAHIA, Juarez. *Jornalismo, Informação, Comunicação*. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

BAITELLO, Norval. *O Animal que Parou os Relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia*. São Paulo: Annablume, 1999

BRAGA, Eduardo Cardoso. A interatividade e a construção do sentido no ciberespaço. IN: *O chip e o caleidoscópio: reflexão sobre as novas mídias*/Lúcia Leão, organizadora. São Paulo: Editora Senac. São Paulo, 2005.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*/tradução Jefferson Luiz

Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997

FLUSSER, Vílem. *Pós História: vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

FLUSSER, Vílem. *A História do Diabo*. São Paulo. Martins Fontes, 1965.

GIBSON, James J. *The Ecological Approach to Visual Perception*. London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1986

KAMPER, Dietmar.. *Körper-Abstraktionen. Das anthropologische Viereck*

von Raum, Fläche, Linie und Punkt. Köln: Kunsthochschule für Medien Köln, 1999

LOTMANN E USPENSKI, Iúri E Boris. *Sobre o Mecanismo da Cultura*. Lisboa: Livros Horizonte, 1982

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e Jornalismo. A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000

MARCONDE FILHO, Ciro. *O Espelho e Máscara: o enigma da comunicação*. Porto Alegre. Editora e Livraria Unijui, 2002.

MORIN, Edgar. *O paradigma perdido*. São Paulo: Edições Europa-América, 1975.

NUNES, Mônica Rebeca Soares. *Ordem-Desordem: mídia, memória, esquecimento*. IN FACE/Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. – V.1 – N.1. São Paulo: Educ, 1988.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos: 103)

SANTAELLA, Lúcia. *Por Que a Comunicação e as Artes Estão Convergindo?*. São Paulo: Paulus, 2005.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando A Cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes, 1996

TRIVINHO, Eugênio. *Novas Tecnologias de Comunicação, Infossemiose e Sociedade*. FACE/Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. – V.1 – N.1. São Paulo: Educ, 1988.

VELHO, Ana Paula Machado. *A infografia como suporte do Jornalismo Científico: uma análise semiótica*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2001.

VIEIRA, Jorge. *O Universo Complexo*. IN Revista Perspicillum – V.7- n. 1. Rio de Janeiro: UFRJ, nov 1993.

VOM, Ugo. *Factóides e Mnemos: por uma ecologia semiótica*. São Paulo: Cátedra.